

**EDUCAÇÃO INFORMAL EM POVOADO NA TESSITURA DA VIDA  
COTIDIANA**  
INFORMAL EDUCATION IN TOWN IN EVERYDAY LIFE TESSITURA

Elzimar Pereira Ferraz Nascimento  
Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás  
(UFG) Câmpus de Goiânia

Regina Célia Padovan  
Doutora em Educação. Professora do curso de História da Universidade Federal do  
Tocantins (UFT), Campus de Porto Nacional.

Marta de Souza Vieira  
Graduada em Gestão de Cooperativas. Universidade Federal do Tocantins (UFT) Campus  
de Araguaína

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é abordar sobre a prática educativa informal no povoado Araçulândia, localizado no município de Wanderlândia, estado do Tocantins. Ela se estabelece de diferentes maneiras nas relações entre os sujeitos e grupos ali constituídos. Para obtenção dos dados foi utilizado entrevistas com quatro famílias de três gerações, sendo quatro pessoas de cada geração. Para uma melhor compreensão dos dados usamos como referência a teoria de Durkheim (2011) sobre elementos da educação, através de cinco categorias de análise consistindo em: Tradição Coletiva; Religião; Divisão social; Relação Rural e Urbano e Costumes, considerando os significados que os sujeitos atribuem às suas vidas e suas relações sociais.

**Palavras-chave:** Educação, Sujeitos, Relação Familiar.

### **ABSTRACT**

The objective of this paper is to view the informal educational practice in the village Araçulândia, located in the municipality of Wanderlândia, Tocantins state. It is established in different ways in the relations between individuals and groups made there. To obtain the data was used interviews with four families of three generations, four people from each generation. For a better understanding of the data was used reference the theory of Durkheim (2011) on elements of education through five categories of analysis consisting of: Tradition Collective; Religion; social division; Rural and Urban and Customs relationship, considering the meanings that individuals attach to their lives and their social relationships.

**Keywords:** Education, Subject, Family Relations.

## INTRODUÇÃO

A vida se concretiza no fazer do dia-a-dia, compondo um tempo cronológico, uma história engendrada pelas ações humanas. Refletir sobre a composição cotidiana das pessoas de um determinado lugar implica pensar na educação que permeia tal espaço humano. Vulgarmente o tema educação está restrito a uma concepção institucionalizada de escolarização, uma educação formal, organizada de forma hierárquica. Contudo, a restrição a uma única concepção não impede reconhecer outras possibilidades de espaços e práticas educativas. A LDB no Art. 1º (BRASIL, 2016) define a educação de maneira ampla: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Esta definição compreende nuances desta conceituação. .

Dessa maneira, a educação também pode ser informal, na medida em que agrega conhecimentos aprendidos no convívio familiar e comunitário. Através da educação, cada pessoa, a seu modo, obtém conhecimentos vivenciados no cotidiano. Outra possibilidade de ação educativa socialmente pensada é a educação não-formal. Apesar de possuir uma sistematização, essa modalidade educacional é disseminada, com períodos de duração bastante diversificados, pois depende do público ao qual atende. Para Gohn (2010), a educação formal, informal e não-formal apresenta conceitos diferenciados. Logo, os campos de atuação dessas diferentes modalidades são distintos.

A educação não-formal se baseia na vida diferenciando-se das práticas escolares formais. Desenvolve-se por meios de laços de localidade e formação política na tessitura do cotidiano, entre acordos e aproximações na construção de objetivos comuns, proximidade e disputas, fazendo com que os grupos a que pertencem mantenham relações por convivência humana, trabalho, entre outros. Suas práticas educativas distribuem-se em inúmeras dimensões, seus sujeitos agem como protagonistas de sua própria história. É uma educação voltada para um enfoque político, que pensa, age, não priorizando saberes formais.

Por outro lado, a educação informal, se dá por laços de familiaridade, uma educação transmitida entre pais e filhos, ou seja, de geração em geração, estando presente principalmente em territórios rurais. Além disso, a educação informal propõe tornar seus membros mais capacitados do que são ou estão, a exemplo da educação familiar, cuja preocupação está pautada em oferecer melhores condições de vida aos seus componentes e transmitir valores entre as gerações comumente idosos e jovens ensinam e aprendem reciprocamente (NASCIMENTO, 2011).

Assim, concebemos que a educação informal, em povoado, foco da presente reflexão, realiza-se nas instâncias educativas e também nos lugares, conforme a dinâmica local. De acordo com Nascimento (2011), este tipo de educação dos moradores em povoados manifesta-se na organização espacial, na qual as moradias se apresentam logisticamente próximas umas das outras; no trabalho rural, cuja maior fonte de renda provém das aposentadorias rurais e de outras fontes de renda, prestações de serviços nas fazendas dos arredores; e ainda na tépida religiosidade. O ato educacional molda-se na manifestação de alguns costumes e na incorporação de uma prática que se fundamenta no ritmo próprio do meio ambiente e no convívio familiar.

Neste texto, consideramos a educação informal adquirida nos lares e na convivência comunitária como instância formativa principal das pessoas que vivem no campo. Este tipo de educação vivida em povoados, mesmo que inconscientemente, é idealizada pelo grupo. A realidade constitutiva da formação ou da educação informal em povoados no Norte do estado do Tocantins se manifesta em suas várias realidades socioculturais. Esta escrita retrata mais especificamente sobre educação construída na vivência das pessoas que moram no povoado Araçulândia, no município de Wanderlândia, norte do estado do Tocantins.

A escolha deste povoado se deu por mérito, em consequência da orientação de Trabalho final de curso de graduação sobre como se organizava e se desenvolvia a educação informal no referido lugar, destacando dentre as manifestações culturais a produção de farinha. Assim, essa escrita evidencia a prática educativa informal no povoado Araçulândia, e destaca diferentes práticas educativas existentes nas relações entre sujeitos e grupos ali constituídos.

Na coleta dos dados utilizamos a técnica de entrevista individual. Foram

entrevistadas 04 (quatro) famílias, compreendendo três gerações, sendo quatro pessoas de cada geração, num total de 12 (doze) pessoas, das quais incluem aposentados, trabalhadores braçais e estudantes. Os entrevistados são identificados por uma numeração de 01 a 04 para diferenciar as quatro famílias e letras do alfabeto para as três gerações de cada família, sendo a letra A para a primeira geração, a letra B representando a segunda geração e C para determinar a terceira geração.

A análise dos dados, adotando como referência a teoria de Durkheim (2011) sobre elementos da educação, através de cinco (05) categorias de análise numa compreensão mais abrangente do processo de construção da educação informal, sendo: Tradição Coletiva; Religião; Divisão social; e Costumes a estas categorias acrescentamos Relação Rural e Urbano. Intencionamos saber características da educação informal no povoado a partir desses critérios, visando à compreensão do modo de vida dos sujeitos rurais, considerando os significados que os sujeitos atribuem às suas vidas e suas relações sociais, relacionando-as às ações individuais indissociáveis do processo formativo.

O texto está organizado em dois momentos constitutivos. No primeiro momento abordamos sobre fundamentos da educação informal. E no segundo momento apresentamos características da educação informal no povoado Araçulândia.

### **Elementos constituídos e constituintes da educação em povoado**

Entendemos que o ato educacional não acontece somente na escola. Trata-se da construção social de um determinado povo. Portanto, é constituído por relações de poder inerentes às diferentes referências formativas (família, religião, escola, trabalho, lazer, meios de comunicação etc). Esta relação social dinamizada nos povoados baseia-se em aspectos tradicionais rurais, no uso cotidiano de signos do rural, concomitante com signos do urbano (NASCIMENTO, 2011).

Conforme Brandão (2007) existem diferentes formas e modelos de educação e a escola não é o lugar exclusivo onde ela acontece, da mesma forma que não é o melhor. Neste sentido, procuramos analisar o processo educativo nas manifestações culturais presentes em espaços no povoado. Aspiramos ver além do aparente, pois existem diferentes sentidos para a vida num povoamento, imperceptíveis a um transeunte, por ser uma

sociabilidade de pessoas simples (MARTINS, 2008). No conto de Rocha (2005, p. 190), a zona rural é um lugar para “Viver o mais natural possível. Apenas, assuntando e auscultando a vida”. Assim, direcionamos novos olhares para povoado como lugar de pertencimento pessoal e coletivo. Sobre as características peculiares de um povoado Nascimento (2011, p.44) afirma que:

[...] os povoados, de maneira geral, apresentam uma organização espacial cujas casas são próximas umas das outras. Este tipo de organização proporciona a abertura de vias de acesso, caminhos denominados de ruas. Além desta característica peculiar, deste tipo de zona rural, os povoados absorvem legitimidades urbanas e, simultaneamente, preservam as qualidades rurais locais.

Para entender a dinâmica da vida de um povoado, não é possível pensar o rural e o urbano numa perspectiva de oposição, como excludentes, mas as duas realidades, como constitutivas, ao mesmo tempo, desta formação populacional. O povoado tem componentes urbanos e, também, componentes rurais. O campo refere-se a paisagens diferenciadas da natureza do povoado, diferentemente das edificações da cidade.

Novas perspectivas conceituais estão sendo construídos acerca dos limites da abordagem dicotômica entre rural e urbano, na tentativa de compreender a relação de novas significações rurais e urbanas para uma ressignificação do rural como espaço geográfico e cultural que incorpora a coexistência de elementos do rural tradicional e elementos da modernidade.

Os povoados, de maneira geral, apresentam uma organização espacial cujas casas são próximas umas das outras. Este tipo de organização proporciona a abertura de vias de acesso, caminhos denominados trieiros e de algumas ruas. Além desta característica peculiar, deste tipo de zona rural, os povoados absorvem legitimidades urbanas e, simultaneamente, preservam as qualidades rurais locais. Na dinâmica das relações comerciais, o povoado, em proporções diferentes, influencia na cidade e vice-versa. Na definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (2010, p.13) o povoado:

É o aglomerado rural isolado que corresponde a aglomerados sem caráter privado ou empresarial, ou seja, não vinculados a um único proprietário do solo (empresa agrícola, indústrias, usinas etc.), cujos moradores exercem atividades econômicas, quer primárias (extrativismo vegetal, animal e mineral); e atividades agropecuárias terciárias (equipamentos e

serviços) ou, mesmo, secundárias (industriais em geral), no próprio aglomerado ou fora dele.

Ainda segundo o Instituto(2010), para caracterizar um povoado, é preciso que este tenha, no mínimo, estabelecimento comercial ativo e, pelo menos, dois serviços entre um estabelecimento de ensino, um posto de saúde em funcionamento e um templo religioso. O instituto define lugarejo como aglomerados que não dispõem, no todo ou em parte, dos serviços ou equipamentos que caracterizam os povoados e que não estão vinculados a um único proprietário (empresa agrícola, indústria etc) (NASCIMENTO, 2011).

Os moradores de povoados, na maioria das vezes, são percebidos pela sociedade urbana, de maneira geral, como subalternos residentes num sublugar, pois a visão de rural é por vezes limitada. Arriscaríamos dizer que a leitura sobre o rural repousa em tempos remotos sobre a constituição do litoral em oposição ao sertão, como expressão da civilidade (OLIVEIRA, 1998), que perdurou na dicotomia de cidade/urbano ao rural/povoado. Por outro lado, a visão de rural que persiste, possibilita uma atitude intelectual desafiadora a respeito do mundo rural em movimento de rupturas. E, nesta direção, buscamos respostas sobre os valores do grupo e a estruturação das inter-relações, numa lógica do mundo rural interativo com o urbano (NASCIMENTO, 2011).

A dinâmica complexa do povoado, engendrada pela relação campo-cidade, suscita o desafio de desvelar uma nova perspectiva na relação entre a zona rural e a zona urbana, fruto de uma construção histórica. Este desafio se firma na possibilidade de compreender a alteridade rural em duas perspectivas simultâneas de sujeito: enquanto utilitário dos recursos urbanos de infraestrutura, de eletrodomésticos, de telecomunicações, entre outros; enquanto utilitário da terra, da natureza como fonte para coletar, para plantar, e na lida com animais. O povoado como lugar em que, coerentemente, as pessoas acompanham compassadamente as cronologias do campo e da cidade. É o lugar das idas e vindas aos grandes quintais amiúde e do sentar na porta das casas simplesmente para “não fazer nada” (NASCIMENTO, 2011).

Raymond Williams (1989, p.14), publicou análise de romances e poemas ingleses datados de diferentes épocas, mais especificamente dos séculos XVIII e XIX os quais

retratam sentimentos a respeito da vida no campo e na cidade. O autor se baseou em sua própria identidade rural e destaca: “[...] esta vida campestre tem muitos significados: em termos de sentimentos e de atividades; no espaço e no tempo”. Ademais, Williams (1989, p.19) aponta questões sociais e econômicas: “A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões”. Nesse sentido, da mobilidade, ao compreender a relação rural-urbana, na dinâmica de vida dos povoados, entendemos que a dicotomia outrora de forma naturalizada, pelo desenvolvimento do capitalismo, atualmente, não tem representação social.

Os neologismos para significar o rural (urbano, ruralidades, campo, emergência de um novo rural, entre outras denominações) aparecem em diferentes análises sobre a relação entre cidade e campo. Concebemos a relação estreita entre o conceito desses espaços e não haveria outra forma de entender o processo educacional num povoado sem considerar a separação entre rural e urbano como uma linha tênue.

Desse modo, a educação informal dos sujeitos em povoados representada nos aspectos históricos do lugar, pode ser visualizada a partir da relação conjunta dos povoados com características urbanas, mesmo com uma urbanidade tímida. Portanto, o povoado pesquisado demonstra aspectos rurais e urbanos imbricados. Consequentemente, a zona rural daquele lugar insere-se numa nova conceituação de rural ainda em construção.

### **Educação informal no povoado Araçulândia**

Diante do exposto acima, nos propomos inquirir, sondar e entender como acontece à educação informal em Araçulândia. Sobre o histórico do povoado Araçulândia, não se sabe ao certo o tempo de existência do povoado. Sua constituição remonta da década de mil novecentos e quarenta. Possui uma população estimada em 900 habitantes, em torno de 250 casas construídas de tijolos, poucas casas de palhas e de barro, um posto de saúde, um destacamento de polícia, um mercadinho e bares. Quanto à presença de Igrejas há uma igreja Católica Apostólica Romana, igreja Assembleia de Deus e uma Congregação Cristã do Brasil. A cada ano, no último domingo de agosto comemora-se o padroeiro Imaculado Coração de Maria.

Também dispõe uma Escola municipal que atende da educação infantil ao quinto ano do ensino fundamental e, conta com a oferta do ensino Médio, em seis salas cedidas da Escola Municipal para a rede estadual de ensino. Os estudantes das outras fases da educação básica frequentam escolas da cidade de Araguaína, situada a 30 quilômetros, compreendendo a lógica histórica da instalação da educação escolar no Brasil, em que o ensino elementar restringia-se a localidades menores, como os arraiais e, outros graus de escolarização ficavam a cargo das vilas e cidades (FARIA FILHO, 2007).

A renda financeira advém, em maior parte, de aposentadorias e bolsas de auxílio, de âmbito federal, como também oriunda de empregos no funcionalismo público e comércio local, estendendo para os municípios de Araguaína e Wanderlândia, próximos ao povoado, e trabalho em fazendas. Destacamos a produção de farinha, atualmente com tres casas de farinha em funcionamento.

As respostas dos entrevistados indicam que a educação informal no povoado tem valor moral, como no exemplo na resposta de dois entrevistados: *“1c honestidade, respeito, dignidade... e 4b respeitar os mais velhos, pedir benção”*. Esses valores recebidos e transmitidos dão significado à educação informal ao entendimento de que o indivíduo é carregado de valores, mesmo que a cada geração a educação vai sendo ressignificada.

Na categoria de Tradição coletiva teve destaque a realização do mutirão de caráter social e religioso. O mutirão acontece quando um indivíduo precisa de algo, na maioria das vezes, alimento ou ajuda e quando acontece algo extraordinário, muitos fazem esse mutirão ou se prontificam para ajudar no que podem. Há identificação de uma educação voltada para a ajuda mútua, o que implica nos valores morais recebidos das gerações anteriores. Nesse aspecto analisado um entrevistado afirmou: *“1c cada um contribui com o que pode: alimento, trabalho, dinheiro”*.

Quanto a Religião, a maioria, 09 (nove), entrevistados pertence à religião católica. Consideram importante ter uma religião *“1a porque cada uma leva no caminho até Deus”* e *“1c porque buscamos a Deus”*. É interessante notar que não é unanimidade nos entrevistados acreditar em benzedores, embora, a maioria dos católicos creem *3b “não é do meu conhecimento não. Mas têm, só não conheço, não. Nem sei te responder... Assim, eu não sou muito de acreditar nessas coisas. Eu não sou de duvidar”*. A religião tem



um espaço reconhecido no povoado ao processo formativo e constitutivo do sujeito, uma vez que o indivíduo participa da organização familiar e religiosa deixando ser “levado” por elas, segundo Durkheim (2011, p. 23) “se nos contentarmos em tirar todo conteúdo religioso da moralidade acabaremos mutilando-a (...), ambas estão no cotidiano do indivíduo”.

No critério Divisão Social, percebe-se que a primeira geração teve pouca instrução escolar alguns 02 (dois) não foram para a escola, pois precisavam se dedicar diuturnamente ao seu sustento pela agricultura, conforme as afirmações: “*2a não estudei, trabalhava na roça*” e “*4a estudei até 3ª série, sou lavradora*”. Na segunda geração, há uma diferença no grau de formação, pois estudaram um pouco mais que as pessoas da primeira geração. Alguns, estudaram desde o ensino fundamental (alguns incompleto) a pós-graduação.

É notável o status referente a trabalho (profissão), “*3b estudei até pós-graduação, sou professora*” e “*4b estudei até o 2º grau, sou agente de saúde*”. Já a 3ª geração representada por entrevistados que ainda estudam, e outros que trabalham, “*1c estou estudando ensino médio*” e “*3c estudei até o segundo grau, sou agente de saúde*”. Percebe-se que a educação formal não está fortemente presente nas falas dos entrevistados, pois em nenhum momento das entrevistas deram ênfase à escolarização. A ligação estabelecida entre estudos e profissão remete às exigências de nível técnico.

Na Relação Rural e Urbano, segundo a primeira geração, alguns acham que o povoado tem crescido muito, e para outros quase nada: “*3a antigamente era só mato, tinha duas casas...*” e “*4a do mesmo jeito...*”. Na segunda geração alguns dos entrevistados falaram que o povoado cresceu bastante: “*3b era pequeno. Evoluiu bastante. Eu tenho um irmão que foi embora e voltou agora e ele nem acredita que cresceu tanto. Para ele foi uma surpresa, pois não acreditava que cresceria tanto, as coisas evoluíram tanto em conhecimento, quanto no meio religioso. Ele diz que quando estava aqui não tinha expectativa de crescimento, na época dele, quando ele saiu, nossa cidade, nosso povoado sempre foi assim*”.

Dois entrevistados acreditam que o povoado teve um crescimento lento: “*4b não, não tinha energia, hoje é mais, comércio não tinha*”; e para a terceira geração, o povoado cresceu lentamente, “*3c do mesmo jeito, novo só o postim, polícia, quadra*”. Conforme

Durkheim (2011, p 55), a cada nova geração, a sociedade se encontra em presença de uma tábula quase rasa sobre a qual ela deve construir novamente (...) ela cria um novo ser no homem.

Um aspecto importante diz respeito ao balneario, denominado de Bandeira, cuja frequência de pessoas vindas de outros municípios é uma constante. Além disso, existe uma praça que costuma ser local de encontro, principalmente entre os jovens.

Quanto ao uso de objetos tradicionais, quase já não se usa mais fogão a lenha, conforme o tempo passa percebe-se que a utilização desse tipo de fogão vai diminuindo, até não ser utilizado mais: (1ª) *“4a sim, o a lenha é só para cozinhar alguma coisinha”*, (2ª) *“4b sim, difícil cozinhar na lenha...”* e (3ª) *“3c só a gás”*. Isto revela que a identidade do campo vai se comprometendo, sendo substituída pela conveniência da cidade. Sobre este aspecto a primeira geração frequenta a cidade (Araguaína, cidade mais próxima de Araçulândia) raramente, já a segunda e a terceira frequenta mais vezes, conforme respostas, (1ª) *“3a não, só quando precisa assinar alguma coisa...”*, (2ª) *“3b diariamente”* e (3ª) *“3.c direto, de vez em quando”*. Então se conclui que a maior parte da vida dos entrevistados é no povoado, eles têm uma convivência muito próxima da vida rural, visto que a justificativa para ir a cidade é somente para compras, trabalho ou estudo.

Ainda na categoria Rural e Urbano, foi perguntado se eles pretendiam permanecer no povoado e por que. As respostas obtidas foram: *“3a o lugar bom é aqui”*; *“2b a minha fia eu quero criar meus netos e bisnetos aqui (risadas) tá muito bom”*; *“3b olha eu morei muito tempo em Wanderlândia vim mais pra cá por causa do meu pai, eu não tenho nenhum projeto pra onde vou se vou continuar. Nem sei te responder”*; *“2c prefiro ficar, aqui é bom, calmo”*. *“1c pretendo morar na cidade, quero trabalhar”*. Nota-se que a primeira geração não pretende sair do povoado, a segunda, aparece um entrevistado com dúvidas se vai ou não continuar no povoado, e outro que pretende não só continuar no local, mas também criar sua família ali. Já na terceira geração é interessante perceber que alguns desta geração continuam a querer morar lá, e outra sair em busca de trabalho.

Parece que a primeira e segunda geração possuem um maior apego ao território, ainda que a segunda tenha dúvidas, percebe-se no decorrer das falas, que o interesse da terceira geração em sair do povoado é por causa de emprego, pois querem outra

oportunidade de trabalho que não seja o braçal da roça.

Na categoria denominada de “costumes” foi perguntado há quanto tempo os entrevistados moravam no povoado. De acordo com os dados obtidos as repostas apontadas foram: 1a (78 anos) têm 43 anos que mora no povoado, 1b (39 anos) e nasceu no povoado, 1c (17 anos) e nasceu no povoado; 2a (103 anos) há 33 mora no povoado, o 2b (57 anos) há 33 mora no povoado, 2c (33 anos) nasceu no povoado; 3a (94 anos) 32 anos mora no povoado, 3b (36 anos) 26 anos no povoado, 3c (33 anos) e nasceu no povoado; 4a (59 anos) a 28 anos mora no povoado, 4b (38 anos) 31 anos mora no povoado e 4c (20 anos) nasceu no povoado.

Observa-se que todos residem no povoado há mais de dezessete anos, evidenciando um quadro de pessoas que conhecem a história do lugar e sua formação. E, mais do que conhecer as famílias, os moradores, os fatos, histórias e outras curiosidades, as “práticas de espaço” (CERTEAU, 1994, p. 172) se fazem na distribuição das formas, lugares e sentidos, na medida em que agregam “operações” ou “maneiras de fazer” e experimentam formas outras que não escritas ou visíveis para os que passam pelo ou fora do povoado. Por isso, a formação em processo. A forte convivência no meio rural reforça a educação informal, uma vez que este tipo de sociedade é determinado pela solidariedade orgânica (DURKHEIM, 2011).

Na questão de cultivo de plantas com fins medicinais na primeira geração é notável que ainda tenha pessoas que cultivam plantas caseiras e outras não, vejamos: “*4a sim alfavaca, cidreira*”. Na 2ª geração a maioria não cultiva apenas um dos entrevistados: “*1b Olha ai plantinhas, couve-flor. Tem alfavaca, capim santo não tem, eu plantei e as galinhas comeram (risadas), mas eu gosto de plantas. eu adoro plantinhas... falar nisso lá pra trás tem muitas... meu jardim é ali...*”. E na 3ª geração nenhum dos respondentes cultiva plantas com fins medicinais: “*1c não*”; “*2c não*” e “*3c não*”. Com o passar do tempo, as novas gerações vão perdendo o interesse pelo cultivo medicinal, um valor que até então repassado pelas gerações passadas, e vão cada vez mais se afastando da terra. Nesse aspecto, a figura de agricultor no povoado vai sumindo. Uma parte da educação informal vai possuindo adições da cidade.

Outro aspecto refere-se ao momento da refeição familiar. O costume de se fazer as

refeições com a família não é considerado algo importante. A primeira geração demonstra um novo comportamento de comer assistindo televisão expressa pela fala: *“1a hoje mais não, se a comida tiver pronta e com fome pode comer... gosto mais agora de comer na sala”*. Na 2ª geração, aparece a confirmação da refeição realizada conjuntamente: *“2b sim, muito importante que é só nós duas mesmo”, “2b sim, eu, meu pai e minha irmã”*: *“4b não, não tem jeito, os dois (filhos) ficam aqui comigo, os outro é difícil”* e na 3ª geração não aparece o hábito de fazerem as refeições juntos: *“3.c às vezes, porque o trabalho influencia... ainda outra pessoa não chegou, ai come”*.

### **Considerações finais**

A constituição da educação informal se fortalece e ajusta-se nas necessidades de manutenção de laços familiares através da perpetuação de alguns valores, misturado à dinâmica das relações de vida no povoado. Este tipo de educação se realiza fortemente pela educação repassada no meio familiar, que é a sua forma de entender a vida, a maneira de se comportar, seu modo de viver. A forma pela qual aceitam ou não a mudança revela a natureza de sua educação, sua raiz está ligada a identidade de cada um e seu entendimento. Esse tipo de educação é materializada e personificada através do comportamento e, principalmente no cotidiano do povoado.

A educação se constrói no cotidiano da vida simples, nas atividades de labor, no uso do calendário ordinário, nos hábitos tradicionais visualizados na prossecução futura. Enfim, nos acontecimentos anualmente repetidos e sentidos popularmente. Desta forma, aspectos rurais mantêm essa identidade rural, ainda que cada vez mais os aspectos do urbano estejam fortes, ensinando seus novos comportamentos, através de seus benefícios, instalando assim uma tênue fronteira que permite a circulação de aspectos formativos de ambos os espaços.

Nesta escrita consideramos dois aspectos. No primeiro a educação humana como processo de desenvolvimento físico, intelectual e moral das pessoas. No segundo as instâncias e lugares formativos, nas peculiaridades dos povoados, no cotidiano vivido, com base nos resultados das entrevistas. Tomamos por princípio que a educação de sujeitos, em povoados, acontece na tensão entre o tradicional e o moderno, marcada por forças de poder familiar e cultural, sempre conflituosas, pois viver em povoados envolve uma rede

complexa de relações sociais, inimagináveis a um transeunte que, com visão restrita e apressada, percebe aquele cotidiano como enfadonho.

Ao pensar sobre questões de natureza formativa da pessoa consubstanciada ao povoado, o artigo apresentou o olhar micro, voltado para uma discussão a respeito da vida rural tradicional no povoado Araçulândia relatada nas entrevistas com pessoas residentes há mais de cinquenta anos no povoado.

Para além do lugar, em dimensões menores, como o povoado, a tessitura do cotidiano e da formação do sujeito como instância perceptiva da vida em núcleos formativos, que tecem outra dinâmica de vida na formação de estratégias inventivas diante da sociedade urbana globalizada. Assim a formação em povoado agrega características do ambiente físico mais próximo da natureza e características subjetivas de pertencimento do mundo rural.

## Referências

BRASIL. *Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9. 394/1996*. 12 ed. Brasília-DF: Câmara dos Deputados, 2016.

BRASIL.IBGE

[.http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual\\_nocoos/elementos\\_representacao.htm](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoos/elementos_representacao.htm) acesso: 20 de outubro de 2016

BRANDÃO, C.R. (2007) **O que é educação**. 49ª ed., São Paulo: Brasiliense, 116 p.

CERTEAU, M. (1994) **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 351 p.

COUTINHO, C.N (2005) **Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A; 271. p

DURKHEIM, É. (1999) **Da Divisão do Trabalho Social**. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 269 p.

EAGLETON, T. (2005). **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora da Unesp, 204p.

FARIA FILHO, L. M. (2007). **A instrução elementar no século XIX**. In: TEIXEIRA, E. M.; FARIA FILHO, L. M. (Org.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autentica, p. 135-150.

GALIZA, R. (1970). **O povoado**. Rio de Janeiro: Artenova, 233 p.

GOHN, M.G. (2010). **Educação não formal e o educador social: atuação no**

desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 104 p.

NASCIMENTO, E. P.N. (2011) **Lugar e parentela**: Educação de sujeitos em povoados no extremo norte do Tocantins. Goiânia GO (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Goiás, 185 p.

OLIVEIRA, L. L. (1998). **A conquista do espaço**: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, vol. 5 (supl), jul. 195-215.

MARTINS, J.S. (2008). **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 172 p.

WILLIAMS, R. (1989). **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, p. \_\_\_\_\_ . (2000). **Cultura**. São Paulo: Civilização Brasileira, 239 p.